



**Quando a casa entra na Universidade: um estudo sobre gênero, ciência e formação na
Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel**

**When the home enters the University: a study on gender, science, and education at the
Faculty of Domestic Sciences of UFPel**

Fernando Ripe

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas/RS- Brasil

Danielle da Silva Boeira

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas/RS- Brasil

Resumo

Este artigo investiga a Faculdade de Ciências Domésticas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ativa entre os anos de 1960 e 1997, como um espaço singular de formação superior destinado exclusivamente às mulheres. Ancorada nos campos da História da Educação, da História Cultural e dos Estudos de Gênero, a pesquisa busca compreender de que modo essa instituição contribuiu para a constituição de subjetividades femininas, tensionando os ideais de emancipação e domesticidade. Ao oferecer uma formação científica e pedagógica centrada em saberes cotidianos como alimentação, vestuário e educação familiar, a Faculdade evidencia disputas entre tradição e modernidade no âmbito do Ensino Superior. A partir de subsídios metodológicos da História Oral, com ênfase nos sentidos atribuídos à experiência universitária por suas egressas, conclui-se que a Faculdade operou como um dispositivo produtor de normas, valores e condutas sociais atribuídas às mulheres.

Palavras-chave: História da Educação; História das Instituições; Gênero.

Abstract

This article investigates the Faculty of Domestic Sciences of the Federal University of Pelotas (UFPel), active between 1960 and 1997, as a unique space for higher education aimed exclusively at women. Anchored in the fields of History of Education, Cultural History and Gender Studies, the research seeks to understand how this institution contributed to the formation of female subjectivities, challenging the ideals of emancipation and domesticity. By offering scientific and pedagogical training focused on everyday knowledge such as food, clothing and family education, the Faculty highlights disputes between tradition and modernity in the context of Higher Education. Based on methodological subsidies from Oral History, with an emphasis on the meanings attributed to the university experience by its graduates, it is concluded that the Faculty operated as a device producing norms, values and social behaviors attributed to women.

Keywords: History of Education; History of Institutions; Gender.

Introdução

A constituição do Ensino Superior no Brasil esteve, historicamente, vinculada à formação de elites masculinas e à consolidação de um projeto civilizatório pautado por valores patriarcais, científicos e normativos. Nessa conjuntura, a inserção das mulheres nas universidades ocorreu de maneira gradual e permeada por resistências institucionais, disputas simbólicas e pela criação de espaços formativos segregados, cuja função social, não raras vezes, foi a de reforçar os papéis tradicionais de gênero.

A disciplinarização da Economia Doméstica consolidou-se no cenário escolar brasileiro como um princípio organizador das atividades de trabalhos manuais. Conforme aponta Oliveira (2008, p. 105), o ensino dessa disciplina foi introduzido

[...] no currículo secundário pela Reforma Capanema, até então era vista como um Curso de Economia Doméstica, fazendo parte do ensino técnico profissional, que fora regulado pelo Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio, de acordo com o Decreto Federal de dezembro de 1906. A Superintendência da Educação Profissional e Doméstica- criada pelo Decreto nº 1604, de 13 de agosto de 1934, vindo se subordinar à Secretaria da Educação e Saúde Pública, como sede no Instituto profissional Feminino da capital de São Paulo – possuía um número, relativamente alto, de matrículas de alunas, distribuídas por várias seções, porém, a de Economia Doméstica começou a funcionar somente em 1912, sendo logo suprimida. Reapareceu, em 1919, graças à reforma geral dos cursos profissionalizantes em São Paulo. A partir daí, uma série de entraves impediu uma boa imagem do Curso de Economia Doméstica, que só a consegue quando decretos do governo estadual paulista aplicam mudanças, em 1930, na legislação do ramo de ensino profissional. O grande salto para valorizar a Educação Doméstica se deu a partir do que consagrara o Código de Educação em 1933, que levou o curso a se estender às escolas profissionais secundárias femininas com o intuito da formação das “futuras donas-de-casa”.

No âmbito do Ensino Superior, os cursos de Ciências Domésticas no Brasil começaram a se consolidar a partir da década de 1950, momento em que essa área de formação passou a ser oficialmente reconhecida. Nesse contexto, destaca-se também a fundação, em 1960, da Faculdade de Ciências Domésticas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), inicialmente vinculada à então Universidade Rural do Sul (URS), que permaneceu em funcionamento até sua desativação, em 2002. Ao longo de quatro décadas, as escolas de Ciências Domésticas¹ representaram uma experiência singular no panorama do Ensino Superior brasileiro, ao oferecerem um curso universitário voltado à formação científica, técnica e pedagógica de mulheres, com ênfase em saberes aplicados ao cotidiano doméstico, à alimentação, ao vestuário e à educação familiar.

A pesquisa, aqui apresentada, inscreve-se no campo da História da Educação e propõe investigar a Faculdade de Ciências Domésticas como um espaço de produção de subjetividades femininas, atravessado por tensões entre emancipação e domesticidade, entre ciência e tradição, entre formação acadêmica e os ideais de feminilidade predominantes entre as décadas de 1960 e 1990. Nesse sentido, a pesquisa busca compreender como a formação oferecida por essa instituição incidiu na constituição de trajetórias pessoais e profissionais das mulheres que por ela passaram, bem como os sentidos atribuídos à experiência universitária em um curso frequentemente silenciado no interior da própria universidade.

O aporte teórico da investigação foi estruturado no diálogo entre a História Cultural e os Estudos de Gênero. A partir de Michel Foucault (1996), a educação pode ser compreendida como um dispositivo que produz e regula corpos e condutas, operando, no nosso caso, como uma tecnologia de gênero. As contribuições de Michelle Perrot (2005) e Mary Del Priore (2000) são fundamentais para a análise das formas históricas de construção social e cultural do feminino, enquanto Guacira Lopes Louro (1997) permite-nos refletir sobre as articulações entre currículo, identidade e normatividade de gênero. Ademais, consideramos as contribuições de Justino Magalhães (2004) no que se refere à análise das instituições educativas em perspectiva histórica, uma vez que perceberemos o seu processo de constituição e institucionalização para além da descrição administrativa ou normativa. Para o autor, a instituição educativa deve ser compreendida como um espaço social, cultural e político de produção de subjetividades, atravessado por tensões e negociações (Magalhães, 2004). Isso implica analisar currículos, arquiteturas, práticas pedagógicas, legislação e cultura material como fontes de historicidade para entender as práticas, saberes, discursos e dispositivos organizacionais desenvolvidos.

O artigo organiza-se em quatro seções principais. Inicialmente, apresenta-se uma revisão de literatura sobre a formação feminina no Ensino Superior, com destaque para um panorama das pesquisas dedicadas às Faculdades de Ciências Domésticas no Brasil. Em seguida, discute-se o aporte metodológico da História Oral, compreendida como uma abordagem que legitima as narrativas individuais na construção do conhecimento histórico. Na terceira seção, desenvolve-se um esforço descritivo-analítico, articulado ao referencial teórico adotado, com o objetivo de interpretar as narrativas de uma entrevistada por meio da

construção de nexos de sentido em torno das dimensões simbólicas de gênero, ciência e formação. Por fim, as conclusões são tecidas a partir da articulação entre a história institucional e a experiência subjetiva de uma egressa, revelando camadas complexas da trajetória da Faculdade de Ciências Domésticas e ampliando a compreensão para além dos registros documentais e das estatísticas oficiais.

Formação Feminina e Ensino Superior: um panorama sobre as pesquisas em torno das Faculdades de Ciências Domésticas no Brasil

O campo das Ciências Domésticas e da Economia Doméstica, embora tenha desempenhado um papel significativo na formação de mulheres no Ensino Superior brasileiro durante o século XX, ainda é pouco explorado na historiografia educacional.² Nos últimos anos, contudo, tem-se observado o surgimento de importantes pesquisas que buscam historicizar essas instituições, os discursos que as legitimaram e os sujeitos que por elas transitaram – especialmente as mulheres, que encontraram nesses espaços tanto uma forma de controle social quanto uma via de apropriação ou resistência a essas formas de subjetivação intelectual e profissional.

O quadro a seguir confere uma relação das instituições brasileiras que abrigaram escolas de Ciências Domésticas em nível superior:

Quadro 1 – Demonstrativo das Escolas de Ensino Superior de Ciências Domésticas no Brasil (1952-2016)

Escola	Universidade	Estado	Início	Término
Escola Superior de Ciências Domésticas	Universidade Federal de Viçosa	MG	1952	2016
Faculdade de Ciências Domésticas	Universidade Federal de Pelotas	RS	1960	2002
Curso de Educação Familiar	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	RJ	1963	2014
Escola Superior de Ciências Domésticas e Educação Rural de Lorena	Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena	SP	1964	*
Curso de Graduação em Ciências Domésticas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz	Universidade de São Paulo	SP	1967	1991
Curso de Economia Doméstica	Universidade Federal do Ceará	CE	1972	2015
Escola Superior de Ciências Domésticas	Universidade Federal Rural de Pernambuco	PE	1955	2016
Curso Superior de Ciências Domésticas	União Pioneira de Integração Social de Brasília	DF	1973	*

Fonte: Elaborado pelos autores. * Dados não identificados.

Dentre os estudos sobre essas instituições, o mais significativo para a nossa investigação é a tese de doutoramento de Tania Elisa Morales Garcia, defendida em 2001 na

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Intitulada *Uma história em cena: construindo a identidade de seus atores – o curso de Ciências Domésticas da UFPel (1960–1997)*, a pesquisa realizou uma análise com base em documentação institucional, entrevistas e memórias de ex-alunas e docentes. Nela, Garcia articulou elementos de história e identidade para compreender os sentidos atribuídos à formação oferecida. O trabalho evidencia como o curso operava como um espaço ambíguo, que tanto reforçava padrões tradicionais de gênero quanto oferecia possibilidades de reconhecimento social e profissional para as mulheres. Destaca-se, ainda, a recente publicação de um catálogo organizado pela Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas. O material reúne 25 fotografias do acervo, nas quais se observam grupos de mulheres em salas de aula, em atividades de estudo, em momentos de convivência, bem como em espaços administrativos e externos do edifício. Essas imagens registram passagens significativas da trajetória do curso, contemplando tanto aulas teóricas quanto práticas (Michelon, 2025).

Imagem 1 – Salas de aulas do Curso de Ciências Domésticas (UFPel) possivelmente no início da década de 1970



Fonte: Fototeca Memória.

Sobre as outras escolas de Ensino Superior, é pertinente indicar a existência de pesquisas que têm se debruçado sobre as instituições e os discursos que marcaram a trajetória da formação em Ciências Domésticas no Brasil, lançando luz sobre diferentes contextos históricos, práticas pedagógicas e representações de gênero. Esses trabalhos se distribuem por diferentes regiões do país e ajudam a compor um mosaico complexo sobre o papel social dessas instituições e suas ambivalências. Como, por exemplo, a dissertação de Daniele Leonor Moreira Gonçalves (2020), desenvolvida no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, que propõe uma análise histórica e discursiva da Escola Superior

de Ciências Domésticas de Viçosa/MG entre 1952 e 1959, período de consolidação do projeto pedagógico da instituição. A autora centrou sua investigação nas representações do feminino construídas a partir da figura da “economista doméstica”, termo que, por si só, já evidencia a tentativa de legitimação acadêmica e científica de saberes tradicionalmente associados ao espaço doméstico. Gonçalves argumentou que esse processo se deu em meio a uma tensão constante entre a modernização dos papéis sociais da mulher e a manutenção de ideais conservadores ligados à domesticidade. O trabalho revela como o discurso da modernidade operava, paradoxalmente, para reforçar os contornos do modelo tradicional de mulher, ao mesmo tempo em que atribuía valor técnico e social à sua atuação no lar.

Outra investigação, com enfoque em uma temporalidade mais ampliada, é a tese de Fábio Luiz Rigueira Simão (2016), defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora, que analisou a Escola Superior de Ciências Domésticas de Viçosa/MG entre os anos de 1948 e 1992. A investigação parte de uma perspectiva crítica sobre os discursos e práticas que moldaram a identidade da mulher “formada para o lar”. Nesse estudo, o autor propôs a noção de “missão feminina” como chave interpretativa para compreender o funcionamento dessas instituições, mostrando como a formação oferecida era estruturada para responder às expectativas sociais de gênero. Simão (2016) ainda explora as formas como o currículo, os regulamentos internos e os discursos institucionais articulavam domesticidade, moralidade e dever cristão como pilares da formação de mulheres para a família e para a sociedade. De modo geral, a tese contribui significativamente ao demonstrar como a formação em Ciências Domésticas atuava na produção de subjetividades femininas, situando-se entre a docilidade esperada e a competência técnica exigida.

Já a dissertação de Monalisa Aparecida do Carmo (2019), desenvolvida na Universidade Federal de Viçosa, insere-se em uma linha de pesquisa que articula história das mulheres e história das instituições de ensino. Seu foco está no período de 1931 a 1956, quando o curso de Economia Doméstica se consolidou como uma das principais portas de entrada para mulheres no Ensino Superior daquela universidade. A autora investiga como as mulheres atuaram e resistiram em um ambiente institucional predominantemente masculino, ao mesmo tempo em que demonstra o papel ambíguo da formação em Economia Doméstica: de um lado, uma via de inserção e reconhecimento; de outro, um espaço que reforçava o ideal de domesticidade como função principal. A pesquisa também evidencia os embates

simbólicos e materiais que as alunas e professoras enfrentavam, bem como as estratégias por elas utilizadas para conquistar espaços de poder e visibilidade.

Por sua vez, a dissertação de Deivid Aparecido Costubra (2011), defendida na Universidade Estadual Paulista/Assis, propõe uma abordagem mais voltada para a história cultural da educação. Ao analisar dois manuais de Ciências Domésticas publicados por Júlia Lopes de Almeida³ nos anos de 1896 e 1906, o autor mostra como esses textos dialogavam com o ideário de civilização, progresso e moralidade da virada do século XIX para o XX – portanto, atuando como instrumentos de normatização do comportamento feminino. A análise empreendida por Costubra (2011) confirma que os manuais cumpriam uma dupla função: educativa, ao propor técnicas e saberes aplicáveis ao cotidiano doméstico, e moralizante, ao prescrever condutas adequadas ao ideal da mulher burguesa. O autor ainda contribui para ampliar a compreensão da gênese dos discursos sobre domesticidade, situando-os em um processo histórico de longa duração que atravessa o século XX e chega às instituições de ensino superior dedicadas à formação feminina.

Em conjunto, esses trabalhos expõem que a formação em Ciências e Economia Doméstica foi um campo marcado por contradições e disputas. Mais do que espaços de mera reprodução de papéis sociais tradicionais, as faculdades e escolas voltadas à formação de mulheres para o lar operaram como lugares de negociação simbólica entre o moderno e o tradicional, entre o técnico e o moral, entre o privado e o público. A centralidade da tese de Tania Garcia (2001) nesse conjunto se dá justamente por consolidar, com rigor histórico e metodológico, uma leitura institucional e biográfica que evoca a voz das mulheres que fizeram o curso, ampliando o campo das pesquisas sobre gênero, educação e história no Brasil.

A História Oral como horizonte metodológico

Com o intuito de acessar vivências e memórias das mulheres que integraram essa experiência formativa, a pesquisa adotou como subsídio a metodologia da História Oral, compreendendo as narrativas individuais como fontes legítimas para a construção do conhecimento histórico. As entrevistas, nesse sentido, permitem abordar não apenas eventos e fatos, mas os sentidos subjetivos atribuídos às experiências, expressando contradições, afetos e deslocamentos identitários. Neste artigo, apresentam-se os resultados parciais da investigação por meio da análise de uma entrevista piloto⁴, realizada com uma ex-

aluna e ex-docente da Faculdade de Ciências Domésticas, cuja trajetória oferece indícios relevantes acerca do impacto da formação recebida, dos saberes transmitidos e apropriados, bem como das relações entre gênero, ciência e educação no contexto do ensino superior brasileiro do século XX. Nesse sentido, as fontes orais constituem um campo de investigação singular, pois permitem ao historiador acessar dimensões subjetivas da experiência humana que dificilmente se manifestam em documentos escritos.

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez (Portelli, 1997, p. 31).

A escolha pela História Oral justifica-se, ainda, pela sua capacidade de promover uma escuta qualificada de sujeitos cujas experiências foram silenciadas ou secundarizadas nos registros oficiais da instituição. Como assinala Verena Alberti (2005), as entrevistas não apenas complementam os documentos escritos, mas constituem uma via própria de construção do conhecimento histórico, abrindo espaço para a emergência da memória, da subjetividade e da narrativa individual. Entrevistar ex-alunas e ex-docentes da Faculdade de Ciências Domésticas configura-se, portanto, como estratégia central para compreender como o curso foi vivido, subjetivado e ressignificado pelas mulheres que o frequentaram, permitindo o acesso a narrativas dos sentidos sociais e pessoais atribuídos à formação. A entrevista, nesse contexto, configura-se como um instrumento fundamental para a escuta de trajetórias atravessadas pela interseção entre gênero, saberes acadêmicos e práticas educativas. Neste estágio da pesquisa, optou-se pela realização de uma entrevista piloto, com o propósito de testar o roteiro, avaliar o potencial analítico das respostas e aprimorar a abordagem metodológica para os próximos encontros.

A interlocutora é uma mulher que estabeleceu um duplo vínculo com a Faculdade de Ciências Domésticas: inicialmente como estudante da graduação e, posteriormente, como docente da instituição. Essa trajetória oferece uma densidade interpretativa significativa, uma vez que a entrevistada pôde narrar sua experiência a partir de duas posições distintas no campo acadêmico, permitindo uma visão ampliada das transformações curriculares, das dinâmicas institucionais e dos discursos de gênero que perpassaram o curso ao longo de diferentes épocas.

A entrevista foi conduzida a partir de um roteiro semiestruturado, composto por blocos temáticos que contemplaram desde a escolha pelo curso, as experiências formativas e os saberes ensinados e praticados, até a atuação profissional e os impactos da formação na vida cotidiana. A participante foi a professora e ex-aluna Tania Elisa Morales Garcia, que autorizou formalmente a divulgação de seu nome e de seu relato nesta pesquisa. A decisão de nomear a entrevistada ultrapassa o campo técnico e metodológico, assumindo dimensões éticas, epistemológicas e políticas. Ao identificar a narradora, reconhece-se sua voz como legítima produtora de saber histórico, conferindo-lhe autoria e visibilidade sobre a experiência vivida. Nomear, portanto, é um gesto de reconhecimento e de valorização da memória de mulheres que participaram ativamente da história da Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel, legitimando suas narrativas como parte constituinte da produção do conhecimento histórico-educacional.

Apesar da existência de um roteiro previamente definido, buscou-se assegurar a flexibilidade da escuta, de modo a permitir que a entrevistada conduzisse o ritmo da narrativa, mobilizasse memórias significativas e elaborasse interpretações próprias sobre sua trajetória. Esse cuidado metodológico fundamenta-se na concepção da entrevista como um espaço de co-construção da narrativa, no qual entrevistador e entrevistado se posicionam como sujeitos ativos no processo de rememoração e análise (Portelli, 1997). A análise da entrevista foi realizada por meio de uma leitura atenta e da codificação temática das falas, à luz dos referenciais teóricos que sustentam a pesquisa. Nesse processo, buscou-se identificar categorias emergentes, como: “formação técnica e científica da mulher”, “extensão universitária e práticas comunitárias”, “saberes aplicados ao cotidiano” e “valorização/desvalorização institucional do curso”, entre outras que poderão ser aprofundadas nas próximas entrevistas e nas etapas subsequentes da investigação.

Construindo nexos: os significados simbólicos de gênero, ciência e formação

A análise da entrevista com uma ex-aluna e ex-docente da Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel permite explorar os sentidos simbólicos de três categorias fundamentais para a compreensão da história da educação de mulheres no Brasil: *gênero*, *ciência* e *formação*. Longe de atuarem isoladamente, esses três elementos aparecem articulados na trajetória da entrevistada, e ajudam a iluminar os processos institucionais,

discursivos e subjetivos que marcaram a experiência universitária feminina ao longo da segunda metade do século XX.

Carlomagno e Rocha (2016) sintetizam em cinco aspectos principais os elementos fundamentais para a criação e classificação de categorias analíticas em pesquisas qualitativas. Esses aspectos orientam o pesquisador na construção de critérios coerentes e metodologicamente consistentes para a organização e interpretação dos dados, assegurando que as categorias não apenas reflitam a complexidade dos fenômenos estudados, mas também guardem articulação com os referenciais teóricos que sustentam a investigação. Trata-se, portanto, de um processo sistemático que permite conferir rigor e clareza à análise, favorecendo a produção de sentidos a partir das regularidades e singularidades identificadas no corpus empírico. De acordo com os autores

a) é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria; b) as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias esgotem o conteúdo possível (não sobre conteúdos não conteúdos que não se encaixem em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo (Carlomagno; Rocha, 2016, p. 184).

A narrativa da entrevistada sinaliza, em primeiro lugar, uma dimensão importante da categoria gênero tal como proposta por Guacira Lopes Louro (1997): como um organizador das experiências escolares e dos saberes legitimados. A formação em Ciências Domésticas é apresentada por ela como uma experiência exigente, científica e prática – ao mesmo tempo em que era, socialmente, enquadrada dentro de uma concepção tradicional de feminilidade. A lembrança do "folder do duplo futuro"⁵, que promovia o curso como uma oportunidade tanto de inserção profissional quanto de preparação para a vida conjugal, é emblemática desse cruzamento entre discursos de emancipação e normatividade. Ainda que a entrevistada afirme não ter percebido, à época, essa associação com a figura da dona de casa, o material institucional evidencia como a formação oferecida estava atravessada por expectativas sociais de gênero, muitas vezes implícitas ou não tematizadas.

Nesse ponto, o pensamento de Foucault (1996) oferece uma chave interpretativa para compreender como saberes e práticas escolares podem atuar como tecnologias de poder, disciplinando corpos e subjetividades, uma vez que “o poder não é uma instituição, e não é

uma estrutura; tampouco é uma certa potência de que alguns estariam dotados: é o nome que se empresta a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 1996, p. 89).

As disciplinas mencionadas pela entrevistada, como Nutrição, Bioquímica, Dietoterapia, são exemplos de saberes que, embora cientificamente reconhecidos, eram ensinados num contexto de aplicação voltada ao cotidiano doméstico e ao cuidado. A exigência de planejar e executar refeições adaptadas a perfis familiares ou dietas terapêuticas evidencia uma pedagogia que opera sobre a ação e sobre o corpo: um saber técnico que governa práticas de vida, normatiza comportamentos e traduz a ciência em intervenção sobre a intimidade. Trata-se de uma racionalidade que combina formação profissional com reforço de papéis sociais, tensionando os limites entre processos de subjetivação, práticas de liberdade, negociação das normas de gênero e domesticidade.

Michelle Perrot (2022), ao tratar dos "excluídos da história", chama atenção para o modo como as trajetórias femininas, mesmo quando institucionalizadas, permanecem em zonas marginais da memória social.

Da História, muitas vezes a mulher é excluída. primeiramente o é ao nível do relato, o qual, passadas as efusões românticas constitui-se como a representação do acontecimento político. O positivismo opera um verdadeiro recalçamento do tema feminino e, de modo mais geral, do cotidiano. [...] o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria (Perrot, 2022, p. 197-198).

A própria Faculdade de Ciências Domésticas, hoje extinta, é um exemplo de apagamento institucional. A entrevistada relata que, por vezes, evitava nomear seu curso de origem para evitar desvalorização, mesmo reconhecendo a complexidade e a qualidade da formação que recebeu. Esse silenciamento revela os mecanismos de hierarquização dos saberes no campo acadêmico, em que aqueles associados ao feminino – mesmo quando científicos – tendem a ocupar posições secundárias. A trajetória da FCD/UFPel, reconstituída pela memória de quem a viveu, torna-se assim um gesto de resistência e valorização simbólica. Justino Magalhães (2004) contribui para essa reflexão ao compreender as instituições escolares como espaços de cultura e de produção simbólica. De acordo com o autor,

A cultura, ou melhor, as culturas, nas suas dimensões simbólica, material, teórica, praxeológica, axiológica são a substantivação desenvolvimento e da educação através de processos formativos instrucionais. Projeto social, a educação é uma

Quando a Casa Entra na Universidade: um estudo sobre gênero, ciência e formação na Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel

construção pessoal; processo centrado no sujeito e que tende a assumir a modalidade de projeto, cuja representação de futuro medeia entre uma idealização e a realidade educativa, na sua complexidade e atualidade. Constituindo em si uma atualização epistemológica estruturada nas relações sociais e de poder, integrando a própria teoria dessas mesmas relações e da sua mudança, em educação, a ação e a inovação tendem a sobrepor-se, coincidindo nos seus agentes, tempos, objetivos e resultados (Magalhães, 2004, p. 15).

Nesse sentido, observamos que a Faculdade de Ciências Domésticas era mais do que um espaço formativo: ela constituía uma *forma institucional* específica, com tempo, práticas, rituais e finalidades próprias. Suas atividades de extensão, seus métodos pedagógicos baseados na execução e experimentação, e sua forte presença em comunidades populares, demonstram a construção de uma referência simbólica formativa própria – que, mesmo fora dos centros de poder da universidade, operava como lugar de saber e ação.

O curso apresentava desde a década de 1970 um forte relacionamento com o serviço de extensão à comunidade. Tanto que, em 1973 constatou-se que a Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel

Oferece cursos rápidos na comunidade para donas-de-casa de baixo nível sócio-econômico, desenvolve atividades de Extensão, integrando equipes de outras Faculdades da Universidade, tais como a de Agronomia, Veterinária, Odontologia e outras. Entre as atividades assistenciais de relevância prestadas à comunidade, inclui-se a que é realizada através de convênio com a Legião Brasileira de Assistência. Este convênio permite às alunas prestarem serviços às famílias em forma de estágio da disciplina Administração do Lar, além de outros estágios junto a entidades que mantêm convênio com a Legião Brasileira de Assistência⁶ (ABEAS, 1974, p. 55).

Ao recuperar essa memória institucional pela via da entrevista, a pesquisa se alinha à proposta de Magalhães (2004) de repensar a história da educação não apenas como sucessão de reformas e decretos, mas como experiência vivida, carregada de significados culturais.

Por fim, o elemento *formação* aparece na fala da entrevistada como algo que atravessa a vida. Ao afirmar que a Faculdade lhe deu base para atuar como professora, coordenadora e até mesmo como mãe, a entrevistada rompe com uma concepção estrita da formação profissional. Ela a percebe como formação de si – uma ideia que ecoa o que Foucault chama de “cuidado de si”, em que o saber não se limita à técnica, mas se transforma em modo de viver, agir e pensar. É nessa articulação entre conhecimento, subjetividade e cotidiano que se tornam visíveis os efeitos da formação de gênero no Ensino Superior. Assim, ao construir os nexos entre *gênero, ciência e formação*, a entrevista analisada contribui para deslocar visões

reducionistas sobre os cursos voltados às mulheres no século XX. Mais do que espaços de reprodução de normas, tais instituições também foram territórios de invenção, apropriação e resistência. Escutá-las é, portanto, reescrever a história da educação sob novas lentes – mais críticas, mais sensíveis e mais comprometidas com a pluralidade das experiências formativas.

Desde os primeiros minutos da entrevista, evidencia-se uma forte identificação da participante com a instituição, revelando uma memória afetiva positiva sobre sua trajetória acadêmica e profissional. O discurso da entrevistada mobiliza elementos de reconhecimento e pertencimento, o que pode ser interpretado como parte de um processo de subjetivação instituído pela formação em Ciências Domésticas, sendo recorrentes a enunciabilidade de que “eu tenho uma ligação afetiva muito grande”, “para mim foi muito importante” e “para mim é a vida pessoal e profissional”.

Ao rememorar sua trajetória acadêmica e profissional, Tania Elisa Morales Garcia destaca o momento de escolha pelo curso de Ciências Domésticas como um ponto decisivo em sua formação e constituição pessoal:

E a minha primeira opção era ciências domésticas, a segunda opção era direito só para satisfazer a minha mãe, que ela achava o máximo que eu fizesse direito. Mas eu sabia que eu não queria né. Aí passei, mas eu não queria. E acho que foi uma escolha, assim, foi uma escolha ideal. Tanto que eu segui na trajetória. E tanto que assim, eu fiz um doutorado de educação, fiz o mestrado de extensão rural, fiz o doutorado de educação. E acabei fechando um ciclo com a minha tese. Foi bem quando acabou o curso. Então, me parece que eu consegui, eu fechei o ciclo (Tania Elisa Morales Garcia, 2025).

Ela enfatiza com convicção que o curso era “completo”, “muito bom”, e “formava para a vida”, o que nos remete à discussão sobre o caráter formativo para além das fronteiras disciplinares, abarcando também dimensões éticas, relacionais e práticas – elementos que constituem o que Guacira Lopes Louro (1997) denomina como “currículos de gênero”, carregados de normas e expectativas sobre o ser mulher. Nessa perspectiva, também foram recorrentes os enunciados de que “Além de profissional, tu tinha um conhecimento, tu recebeu umas informações que te ajudariam na tua vida prática” ou que “Era um curso superior e também já auxiliava na vida profissional. E o curso era muito importante, claro. Eu tenho uma ligação afetiva muito grande. Para mim foi muito importante. Para mim é a vida pessoal e profissional” (Tania Elisa Morales Garcia, 2025).

A participante destaca o viés extensionista da Faculdade, apontando o envolvimento com comunidades rurais, escolas e projetos sociais. Essas ações, segundo ela, permitiam a

aplicação prática dos saberes adquiridos, ao mesmo tempo em que estabeleciam uma ponte entre universidade e realidade social, especialmente com públicos populares. Esse engajamento comunitário reafirma o lugar da mulher como mediadora entre o saber técnico e a vida cotidiana, papel historicamente atribuído ao feminino e naturalizado sob a retórica do cuidado e da doação. Tal aspecto pode ser examinado à luz de Foucault (1996), quando trata das tecnologias de poder e dos dispositivos de saber que atuam na constituição dos sujeitos. A extensão universitária, nesse contexto, opera como um espaço de regulação e de resistência, ao formar mulheres capazes de circular entre esferas antes predominantemente masculinas, como a gestão pública e a docência universitária.

E a gente, cada dia, abordava uma situação, uma família com alguma situação especial, com algum elemento, com dependência química, a família, educação do consumidor, família e crianças especiais, eu estou pensando no que eu organizei. Então, era assuntos que a família estaria envolvida ou influenciada por essas questões (Tania Elisa Morales Garcia, 2025).

Ao mesmo tempo, a entrevistada reconhece as dificuldades enfrentadas pelas formandas no reconhecimento social de seus diplomas. O curso era, muitas vezes, alvo de estigmatizações, sendo confundido com "trabalho doméstico" ou considerado pouco relevante no interior da própria universidade. Esse ponto revela uma tensão recorrente na história da educação das mulheres: a ambivalência entre a ascensão acadêmica e a manutenção de uma identidade profissional atrelada à esfera privada. Mary Del Priore (2000) alerta para essas armadilhas históricas, quando aponta como as mulheres, mesmo quando acessam espaços públicos, frequentemente o fazem sob os marcos simbólicos de uma feminilidade controlada e legitimada apenas em certas condições.

O curso não era muito valorizado pela questão do nome. Economia doméstica o que faz? Então tinha um estigma que manteve até o final, acho que do início ao fim. E aí, assim, começou, como era mais fácil para entrar, não era o problema entrar, era manter. Aconteciam muitas desistências, a evasão era enorme (Tania Elisa Morales Garcia, 2025).

As falas da entrevistada também evidenciam a percepção de que o trabalho associado ao cuidado, historicamente atribuído às mulheres, sofre processos de desvalorização social e simbólica, revelando como a construção de gênero atravessa a legitimidade das práticas profissionais e influencia a forma como determinados cursos e saberes são hierarquizados no campo educacional.

Tinha mais implícito, entendeu? A gente sabia que não era um curso valorizado. Mas a gente sentia mais... Me parece que não era tão claro isso para a gente. Porque quem estava lá... Sabia que não era um curso fácil. Aparentemente, é uma coisa de aprender a cozinhar. Então quem estava lá sabia da dificuldade que era. Tinha que estudar uma infinidade de coisas [...] Então não sei se no outro curso, talvez tivesse os mesmos desafios, mas eu acho que esse foi mais forte que eu tive que vencer, porque era um curso desconhecido, não valorizado. [...] “Por que na realidade tem essa questão feminina que nunca é tão valorizada né nunca é tão respeitada” (Tania Elisa Morales Garcia, 2025).

Outro aspecto emblemático que emergiu da entrevista foi a lembrança da entrevistada sobre o “folder do Duplo Futuro” - como anteriormente mencionado, um material institucional distribuído às estudantes, no qual se destacava que a formação oferecida preparava as mulheres tanto para o exercício profissional quanto para o lar.

Imagem 2 - Folder Duplo Futuro



Fonte: acervo pessoal da profa. Tania Garcia.

Essa imagem condensada em um simples panfleto publicitário, distribuído pela instituição, carrega consigo toda uma gramática de gênero que atravessava o currículo, as práticas pedagógicas e os discursos institucionais da época.

Não sei se eu não tinha essa ideia, ou não era divulgada essa ideia da dona de casa. Depois, com a pesquisa, com a minha tese, que eu descobri que tinha essa ideia da formação da dona de casa. Tanto que tinha o folder "Duplo Futuro", podia ser uma ótima dona de casa. Então, nós não tínhamos isso. Quer dizer, eu não percebi isso quando eu fui aluna (Tania Elisa Morales Garcia, 2025).

A ideia de “duplo futuro” evidencia a expectativa social de que a mulher universitária pudesse conciliar, harmoniosamente, sua qualificação técnica com o desempenho de papéis tradicionais de gênero, como o de esposa, mãe e cuidadora. Essa tensão pode ser interpretada à luz de Guacira Lopes Louro (1997), ao pensar as instituições educacionais como espaços de produção de subjetividades marcadas por normas de gênero. O duplo futuro oferecido não era uma alternativa equânime entre carreira profissional e vida pessoal, mas sim um modelo de formação que reiterava o papel central da domesticidade no destino das mulheres, ainda que agora sofisticado por meio da ciência e da técnica. A fala da entrevistada, ao relembrar esse material, não apenas apresenta o conteúdo da formação, mas também aponta para os modos sutis como se produziam discursos normativos que associavam a negociação, apropriação e resistência feminina à sua capacidade de melhor cumprir funções já historicamente atribuídas ao feminino. Além disso, esse discurso institucional operava como um dispositivo de poder que organizava os desejos, os saberes e os percursos possíveis das estudantes, conforme propõe Foucault (1996). A faculdade oferecia à mulher uma promessa de mobilidade social, desde que compatível com os códigos morais e afetivos do tempo. A evocação do folder, nesse sentido, não é apenas memória, mas índice de um projeto de formação marcado por ambivalências e negociações entre tradição e modernidade, submissão e autonomia. Trata-se, portanto, de um ponto-chave para compreender a singularidade da Faculdade de Ciências Domésticas enquanto espaço formativo e produtor de culturas femininas no Ensino Superior brasileiro.

A presença da entrevistada como docente na própria Faculdade, após sua formação, lança luz sobre uma genealogia pouco explorada nas histórias das instituições: a permanência de egressas como professoras e agentes institucionais, portadoras de memórias, valores e práticas que moldam e preservam culturas formativas. Ao relatar seu retorno como professora e a atuação em diferentes departamentos, a entrevistada reafirma a versatilidade da formação recebida, mas também denuncia, ainda que de forma sutil, o apagamento dessa herança nos cursos atuais. Isso fica evidente, pois o que hoje se encontra distribuído em cursos como Nutrição, Enfermagem ou Pedagogia, já esteve reunido, de forma integrada, no currículo das Ciências Domésticas. A Faculdade de Ciências Domésticas constituiu, portanto, um espaço formativo de grande relevância na UFPel, antecipando debates e práticas que posteriormente se consolidariam em diferentes áreas. No entanto, essa importância histórica

contrasta com a pouca visibilidade que a unidade alcançou na própria instituição: sua trajetória raramente é lembrada, e seu legado permanece à margem da memória oficial, tornando evidente um processo de apagamento institucional que acompanha também a desvalorização social da formação voltada às mulheres.

Considerações finais: articulações entre história institucional e experiência subjetiva

A realização da entrevista piloto com uma ex-aluna e ex-docente da Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel possibilitou acessar memórias que tensionam e ampliam a compreensão histórica sobre a presença das mulheres no Ensino Superior. A revisão historiográfica demonstrou que os estudos dedicados às Ciências Domésticas no Brasil têm privilegiado a análise das instituições formadoras, dos discursos que legitimaram determinados modelos de feminilidade e das relações estabelecidas entre domesticidade, profissionalização e modernidade. Sob o ponto de vista teórico-metodológico, essas investigações dialogam com a História da Educação, a História Cultural, os Estudos de Gênero e a História das Mulheres, mobilizando fontes como legislações, currículos, manuais, arquivos institucionais e narrativas memorialísticas para compreender os processos de constituição de subjetividades e a legitimação de saberes vinculados ao universo doméstico. Entre os principais temas abordados destacam-se a construção da identidade profissional das economistas domésticas, a institucionalização dos cursos e as tensões produzidas entre projetos de autonomia feminina e a reafirmação de papéis sociais tradicionais. Todavia, apesar das contribuições já consolidadas, ainda são escassas as investigações que articulam a história institucional às experiências vividas por mulheres que ocuparam diferentes lugares no interior dessas instituições. É justamente nesse ponto que a presente pesquisa se insere, ao adotar a História Oral como horizonte metodológico para compreender os significados atribuídos à formação por suas protagonistas. Ao privilegiar suas narrativas, buscou-se analisar de que maneira gênero, ciência e educação se entrecruzaram na constituição de trajetórias, experiências e modos de subjetivação, contribuindo para ampliar a compreensão das culturas femininas produzidas no âmbito da Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel.

A narrativa construída pela entrevistada evidencia a complexidade das experiências formativas que atravessaram esse espaço institucional: ao mesmo tempo em que a Faculdade se constituía como ambiente de valorização da mulher, de acesso à ciência e ao trabalho qualificado, ela também era atravessada por discursos normativos sobre o feminino, muitas

vezes naturalizados na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas. As memórias evocadas apontam para a existência de um campo de saberes híbridos, articulando ciência, técnica, pedagogia e valores de domesticidade, que configuraram um perfil formativo singular. Tal perfil, como demonstrado pela entrevistada, possibilitou a atuação das egressas em múltiplos espaços sociais e profissionais, desafiando a ideia de que o curso era limitado à esfera privada ou ao lar. Entretanto, a recorrente desvalorização simbólica do curso, tanto no interior da universidade quanto nos espaços sociais mais amplos, demonstra como os saberes associados ao feminino seguem ocupando posições subalternizadas nas hierarquias do conhecimento. Essa contradição entre potência formativa e marginalização institucional é uma chave interpretativa importante para os desdobramentos da pesquisa.

A análise da entrevista também evidencia que a trajetória das mulheres formadas na Faculdade de Ciências Domésticas não pode ser pensada a partir de uma narrativa única, de submissão ou de emancipação, mas sim como uma experiência marcada por ambivalências, negociações e reinterpretações. O uso da História Oral, nesse sentido, demonstrou-se especialmente frutífero, uma vez que permitiu que a voz da entrevistada operasse como produtora de sentidos e de deslocamentos, desestabilizando leituras homogêneas sobre o passado institucional. Este exercício analítico inicial reforça a relevância de aprofundar a escuta de outras ex-alunas e ex-docentes, ampliando o corpus de entrevistas e permitindo a comparação entre distintas experiências geracionais. A escuta de múltiplas vozes poderá mostrar continuidades e rupturas nos sentidos atribuídos à formação universitária em Ciências Domésticas, contribuindo para uma leitura mais plural da história do Ensino Superior feminino no Brasil. Espera-se, com isso, não apenas empreender um exercício de historicidade da memória de uma instituição, mas também interrogar os modos como gênero, ciência e educação foram historicamente articulados na construção das culturas femininas universitárias.

Ainda em processo de análise, o material transcrito aponta para uma potente articulação entre história institucional e experiência subjetiva, confirmando o dinamismo das entrevistas como fonte para a constituição de narrativas que escapam aos registros documentais tradicionais. Embora ainda em estágio inicial, a realização da entrevista piloto permitiu importantes reflexões metodológicas e teóricas sobre a abordagem da pesquisa. A escuta atenta da memória da entrevistada expôs camadas complexas da história da

Faculdade de Ciências Domésticas, ampliando o olhar para além dos documentos oficiais e estatísticas institucionais. As próximas etapas da pesquisa incluem a realização de novas entrevistas, bem como a análise de documentos complementares, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a formação de culturas femininas no Ensino Superior a partir do caso da Faculdade de Ciências Domésticas da Universidade Federal de Pelotas.

Referências

ABEAS. Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior. **Diagnóstico da situação das Ciências Domésticas no Brasil – 1974**. Seminário sobre “Novas perspectivas das Ciências Domésticas no desenvolvimento nacional”. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo: Piracicaba, 1974, pp. 158.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. 2017. 241f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário. **Economia doméstica**: subsídios para uma proposta curricular. Brasília, MEC/DDD, 1980. 36p.

CARLOMAGNO, Márcio Cunha; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2016. DOI: 10.5380/recp.v7i1.45771. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>. Acesso em: 3 jul. 2025.

CARMO, Monalisa Aparecida do. **Entre as produções do feminino e a conquista de espaços mulheres e educação na Universidade Federal de Viçosa (1931-1956)**. Monalisa Aparecida do Carmo; Anderson da Cunha Baia orientador. 120f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, 2019.

COSTUBRA, Deivid Aparecido. **“Conselho às minhas amigas”**: Os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906). Deivid Aparecido Costubra; Milton Carlos Costa, orientador. 175f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp – Universidade Estadual Paulista, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

GARCIA, Tania Elisa Morales. **Uma história em cena construindo a identidade de seus atores**: O curso de Ciências Domésticas da UFPel (1960-1997). 2001. 386f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

GARCIA, Tania Elisa Morales. Entrevista concedida a Danielle Boeira. Pelotas, 01 abr. 2025. 1 gravação (1 hora), digital. Entrevista realizada via plataforma Zoom. Documento não publicado.

GONÇALVES, Daniele Leonor Moreira. **Ser mulher, ser moderna, ser economista doméstica: representações do feminino na Escola Superior de Ciências Domésticas (1952 a 1959).** 2020. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos: História das Instituições Educativas.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. 178 p.

MICHELON, Francisca Ferreira (Org.). **Sistematização da coleção Ciências Domésticas** [recurso eletrônico]. Pelotas: Fototeca Memória da UFPel, 2025.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de. A história da formação em Economia Domésticas nos séculos XVIII e XIX: conhecimento e profissão. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], n. 18, p. 103–111, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1533>. Acesso em: 13 set. 2025.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2005.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

SIMÃO, Fábio Luiz Rigueira. **Ser mulher, uma “missão”: a escola superior de ciências domésticas, domesticidade, discurso e representações de gênero (1948 – 1992).** 2016. 267f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

Notas

¹ Em documento organizado pela Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior (ABEAS), em 1973, constatou-se a existência, no Brasil, de oito Escolas ou Cursos de Ciências Domésticas. São eles: a Escola Superior de Ciências Domésticas da Universidade Federal de Viçosa; a Faculdade de Ciências Domésticas da Universidade Federal de Pelotas; o Curso de Educação Familiar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; a Escola Superior de Ciências Domésticas e Educação Rural de Lorena (SP); o Curso de Graduação em Ciências Domésticas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo;

o Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará; a Escola Superior de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco; e a Escola de Educação Familiar vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, extinta em 1968 (ABEAS, 1974).

² Esse quadro torna-se ainda mais evidente na historiografia brasileira dedicada ao ensino de Ciências Domésticas em nível técnico-secundário. Sobre a habilitação técnica em Economia Doméstica e a tentativa de instituir um currículo comum, ver Brasil (1980).

³ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma renomada escritora brasileira, cuja trajetória feminista e intelectual se estendeu do final do século XIX ao início da década de 1930. Ela é considerada uma figura importante na história do feminismo no Brasil, atuando na luta pela emancipação feminina e pelos direitos civis das mulheres.

⁴ A entrevista foi realizada somente mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (Parecer Consubstanciado nº 7.643.696, CAAE 86058224.5.0000.5316) em 16 de junho de 2025.

⁵ O folheto de divulgação intitulado "Para você um *duplo futuro* em Ciências Domésticas..." foi o primeiro material promocional lançado para o Curso Superior de Ciências Domésticas (CSCD) da Universidade Rural do Sul (URS), hoje Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no início dos anos 1960 (Garcia, 2001, p. 145). Este documento integra, ainda, um estudo em desenvolvimento realizado pelos autores, no qual este e outros folders de cursos de Ciências Domésticas produzidos em distintas universidades brasileiras são analisados de forma comparativa.

⁶ Fundada em 28 de agosto de 1942 por Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) tinha como objetivo inicial "amparar os soldados brasileiros e seus familiares" com o apoio dos "brasileiros de boa vontade" durante a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Criada em parceria com o Estado e com o empresariado nacional, a instituição consolidou-se como espaço fortemente marcado pelo trabalho voluntário feminino. No entanto, logo ultrapassou sua finalidade original, estruturando, já nos primeiros meses de existência, uma ampla rede de assistência que, por meio do voluntariado, alcançou todo o território nacional. Em situações específicas, a LBA chegou inclusive a atender grupos sociais até então nunca contemplados pelo poder público brasileiro (Barbosa, 2017). Na década de 1970 a Faculdade de Ciências Domésticas da UFPel foi mantida por verba federal e pelo convênio com a LBA, o qual recebia "a importância de Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros) que se destina ao pagamento de alunas, por trabalhos prestados junto a famílias da comunidade" (ABEAS, 1974, p. 19).

Sobre os autores

Fernando Ripe

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Professor na Faculdade de Educação (FaE) e nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Faz parte do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales/UFPel) e do Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos (CEIbero/UFGM).

E-mail: fernandoripe@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0007-0597>

Danielle da Silva Boeira

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Educação pela mesma instituição, na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação. Atualmente, cursa o Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integra o grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales/UFPel). Desenvolve estudos nos campos da História da Educação e da História Cultural. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E-mail: danielle.sboeira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0946-0017>

Recebido em: 06/02/2026

Aceito para publicação em: 24/06/2026